

**Lourival Sant'Anna** carta@lourivalsantanna.com

Entre IA, fatos e mentiras

Neste ano, quatro em cada dez habitantes do planeta terão a chance de votar em eleições nacionais. Isso não significará uma celebração da democracia. Apenas 8 dos 50 países que terão eleições nacionais são considerados democracias plenas. Será também o ano da popularização da geração de imagens por inteligência artificial, e de seu emprego em massa nas campanhas eleitorais.

Entre as democracias plenas estão Reino Unido, Taiwan e Uruguai, segundo o critério da Unidade de Inteligência da revista *Economist*. Os EUA estão incluídos na categoria de “democracias falhas”, que somam 21 países, e incluem Índia, Indonésia e África do Sul.

Nove são “regimes híbridos”, entre eles, El Salvador, Paquistão e Tunísia, celebrada inicialmente como a única democracia resultante da Primavera Árabe. Por fim, há 15 regimes autoritários, que realizam eleições para forjar uma aparência falsa de legitimidade, como é o caso de Venezuela, Rússia, Irã e Ruanda.

FATOR TRUMP. Que a democracia mais antiga, os EUA, e a maior, a Índia, sejam classificadas como “falhas” diz muito sobre o estado de coisas. Os problemas na democracia americana ocupariam uma coluna inteira, mas basta dizer isso: o ex-presidente Donald Trump é considerado o favorito nas

eleições deste ano depois de ter tentado um golpe em 2021.

Quanto à Índia, o primeiro-ministro, Narendra Modi, no cargo há quase dez anos, tem trabalhado para solapar os direitos da minoria muçulmana e reforçar a base nacionalista hinduísta que sustenta seu partido, BJP.

É muito melhor viver em uma democracia falha do que em um regime híbrido, que por sua vez é bem menos ruim do que uma ditadura.

Há os problemas estruturais na democracia de cada país. Há as estratégias de perpetuação no poder de líderes políticos que incentivam a polarização e a identificação cultural para governar sem ter de prestar contas sobre resultados. E há a criação de realidades paralelas.

RÚSSIA. Na campanha de 2016, o regime russo empregou hackers e agentes de contrainteligência para fragilizar a campanha de Hillary Clinton, que como secretária de Estado havia apoiado publicamente as manifestações pró-democracia na Rússia. Uma investigação do jornal *New York Times* mostrou, por exemplo, o estrago feito por posts impulsivos com apenas US\$ 100 mil no Facebook.

Um relatório das agências de inteligência americanas apontou forte atuação de agentes chineses, russos e cubanos nas eleições para toda a Câmara dos Deputados e um terço



Em Iowa, revista traz Trump na capa como 'o verdadeiro presidente'

No mundo do ‘deep fake’, o jornalismo precisa exercer o seu papel de separar fatos de mentiras

do Senado em 2022. O intuito era prejudicar candidatos favoráveis aos direitos humanos, a Taiwan e à Ucrânia.

Dois dias depois da posse de Trump, a então conselheira do presidente, Kellyanne Conway, foi pressionada pelo entrevistador Chuck Todd, da NBC, sobre a informação falsa de que o evento havia reunido mais pessoas que o de Barack Obama.

Conway respondeu: “Não seja excessivamente dramático em relação a isso, Chuck. Você diz que é uma falsidade, e o nosso porta-voz, Sean Spicer, forneceu fatos alternati-

vos a isso.” Todd rebateu: “Repere, fatos alternativos não são fatos. São mentiras.”

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. Desde então, a noção de que se pode discordar a respeito de fatos se normalizou. Essa normalização pavimentou perigosamente o caminho para o abuso do chamado “deep fake”, vídeos que envolvem personagens verdadeiros em enredos falsos. A geração de imagens por inteligência artificial facilita a criação desses vídeos.

Para que a democracia funcione, a sociedade precisa estar de acordo sobre os fatos. A partir deles, haverá opiniões diversas. Se os fatos forem os mesmos para todos, é possível negociar soluções. Se não houver consenso sobre os fatos, não há terreno comum para a negociação.

A polarização baseada na política identitária condena a negociação, por considerar o adversário político um inimigo, alguém que, se não for destruído, destruirá o oponente. O “deep fake” é visto como uma arma legítima nessa guerra sem regras.

Cabe ao Congresso criar leis para coibir esse abuso; à polícia, ao Ministério Público e à Justiça se capacitarem para colocar essas leis em prática; e ao jornalismo, exercer o seu papel de separar fatos de mentiras. ●

É COLUNISTA DO ESTADO E ANALISTA DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS

Tensões no Oriente Médio

Hezbollah ataca Israel com mísseis após morte de líder do Hamas

BEIRUTE

Dezenas de mísseis foram disparados do Líbano em direção ao norte de Israel ontem. O grupo Hezbollah, que atua no Líbano, assumiu a autoria dos disparos e disse ser uma resposta à morte de um dos líderes do grupo terrorista Hamas na semana passada.

Segundo o Hezbollah, aliado do grupo terrorista Hamas, mais de 60 mísseis fizeram parte do ataque ao norte de Israel, a maior parte atingindo a região do Monte Meron, a cerca de 340 quilômetros da fronteira com o Líbano. As Forças de Defesa de Israel (FDI) confirmaram o ataque, mas falaram em 40 mísseis.

Os ataques foram em resposta à morte de Saleh al-Aroui, uma das principais autoridades políticas do grupo Hamas, na capital libanesa Beirute. Aroui foi morto em um ataque com drones no último dia 2 de janeiro.

No dia 5, o líder do Hezbollah, Hassan Nasrallah, avisou que o grupo deveria retaliar a morte de Aroui para não deixar o Líbano “vulnerável” a ataques israelenses. Ele ainda disse que as operações na fronteira com Israel eram uma “oportunidade histórica” para lutar contra o país na busca por territórios na região.

Em retaliação aos mísseis, Israel realizou ataques aéreos no sul do Líbano, segundo a Agência Nacional de Notícias

do país. A ação teria deixado vítimas. As FDI não comentaram o assunto.

ESCALADA. Os ataques na fronteira entre Líbano e Israel aconteceram desde 7 de outubro, quando a guerra com o Hamas se iniciou. Ataques dentro da fronteira com o Líbano, no entanto, são raros.

A escalada desse conflito, travado entre o Hezbollah, aliado do Hamas, e Israel, acontece no momento em que o secretário de Estado dos EUA, Anthony Blinken, dá início a uma viagem diplomática urgente ao Oriente Médio. Blinken busca junto com líderes regionais e europeus evitar que o conflito se espalhe para uma guerra regional.

O chefe da política externa da União Europeia, Josep Borrell, também fez uma visita na região. “É imperativo evitar uma escalada regional no Oriente Médio”, disse durante uma visita a Beirute. ● AP

Pânico no ar

EUA ordenam suspensão de Boeing 737 Max 9 depois de aeronave pousar de porta aberta

A Agência Federal de Aviação dos EUA (FAA, na sigla em inglês) ordenou ontem a suspensão temporária das aeronaves Boeing 737 Max 9 que operam no país. A medida acontece após um avião desse modelo apresentar problema de pressão e ter de pousar de portas abertas em Oregon na sexta-feira, 5. ● EFE

Guerra na Ucrânia

Bombardeio da Rússia mata mais de 10 pessoas em Pokrovsk, no leste da Ucrânia

Um ataque russo à cidade de Pokrovsk, no leste da Ucrânia, deixou ontem mais de 10 mortos, incluindo 5 crianças. O bombardeio é mais um entre Rússia e Ucrânia nas últimas semanas, que refletem o aumento da violência em uma guerra que dura dois anos, com frentes de batalhas inalteradas. ● AFP

Sobrevivente

Idosa de 90 anos é resgatada com vida no Japão cinco dias após terremoto atingir país

Uma idosa de 90 anos foi resgatada ontem com vida das ruínas de uma casa atingida pelo terremoto na cidade de Suzu, oeste do Japão. A mulher sobreviveu por mais de cinco dias nos escombros após o tremor de 7,6 graus de magnitude atingir diversas áreas do país no dia 1 e deixar mais de 120 mortos. ● AP